

**MACUNAÍMA E A ICONOCLASTIA DE 22:  
ESTUDO DE ALGUNS ASPECTOS**

**Orientando:** Lucas Alexandre da SILVA<sup>1</sup>

**Orientador:** Prof. Doutor Emerson Calil ROSSETTI<sup>2</sup>

**RESUMO**

O presente trabalho tratará da análise da obra *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* do escritor modernista Mário de Andrade, focando alguns dos aspectos que a classificam como pertencente ao movimento e como principal representante da fase iconoclasta do Modernismo brasileiro. Através do humor, da gramática subversiva, da valorização da cultura popular e da crítica ao nacionalismo e ao beletismo pode-se observar a ideologia da geração heroica presente em *Macunaíma*, um anti-herói que, em chave cômica, representa alguns dos traços mais recorrentes do comportamento do homem brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE**

Modernismo. Iconoclastia. Mário de Andrade. *Macunaíma*.

**Introdução**

*Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, obra de Mário de Andrade, foi escrito em 1928 durante a primeira fase do Modernismo brasileiro. Mário de Andrade, grande escritor de nossas letras, teve nessa narrativa sua obra-prima e foi reconhecido como principal representante da geração iconoclasta.

*Macunaíma* é a mais expressiva obra em prosa da geração de 22. Apesar de ser classificada como romance, Mário de Andrade a definiu como uma "rapsódia", termo que em música classifica as peças compostas com base na improvisação, de inspiração em cantos populares e tradicionais. (OLIVEIRA, 1999, p. 444).

A cultura popular foi um dos itens trazidos à tona pelos iconoclastas, além da subversão à gramática, da crítica ao nacionalismo e ao beletismo, bem como a desconstrução das figuras idealizadas.

<sup>1</sup> – Graduação em Letras – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – lukeasilva@hotmail.com

<sup>2</sup> – Docente do Departamento de Letras – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – dr.ecrossetti@oul.com.br

As vanguardas europeias foram as responsáveis por inspirar os autores brasileiros a criarem essa estética “destrutiva”, a qual gerou as discussões da Semana de Arte Moderna de 22 e, conseqüentemente, o início e a base do movimento modernista brasileiro.

Dentro desse período que buscava renovações, em meio a grandes nomes, começa a ganhar destaque Mário de Andrade, autor até então não muito conhecido, porém fiel divulgador dos ideais renovadores. Após a Semana de Arte Moderna, começou a ganhar destaque, especialmente depois da publicação de *Macunaíma*, considerada sua grande obra. Sobre ela, o autor declara ser a “única obra de arte, deveras artística, isto é, desinteressada que fiz na minha vida” (NEJAR, 2001, p. 328) e não a classifica como romance, mas como rapsódia devido à grande presença da cultura popular na sua composição.

Com base nas características iconoclastas, o presente trabalho tratará de expor e analisar algumas delas na obra, justificando sua posição como principal representante da fase heroica do Modernismo brasileiro.

## 1-Humor

Definindo humor, o autor de *O Humorismo*, no *Dicionário Sesc*, assim se pronuncia:

As características mais comuns e, por isso, mais geralmente observadas, são a contradição, à qual se costuma dar como causa principal o desacordo entre o sentimento e a meditação descobrem ou entre a vida real e o ideal humano, ou entre as nossas fraquezas e misérias, e como principal efeito a tal perplexidade entre o pranto e o riso; e também o ceticismo, com o qual se colore cada observação, cada pintura humorística e, enfim, seu procedimento minucioso e também maliciosamente humorístico. (FERNANDEZ. In: CUNHA, 2003, p. 331).

Podemos observar que o humor pode ser construído através da demonstração das fraquezas, da quebra da idealização, buscando mostrar situações que fogem ao comum, às expectativas esperadas ou previsíveis.

Uma das formas como tal recurso se apresenta na literatura é com vistas a promover a subversão ao que seria o “normal”: situações em que o personagem pratica uma ação que não era esperada para aquele momento. No romance há diversos momentos cômicos. Aqui, ressaltamos a presença de dois deles. Primeiro, logo no início, é apresentado Macunaíma, o herói, em sua infância. Quando ia dormir, subia no “macuru” e “mijava” na sua mãe, que ficava numa rede abaixo; além disso, dormia falando “palavras feias, moralidades estrambólicas e dava paradas no ar”. Isso reforça a ideia da desidealização do herói, afinal não é de teor elevado tal ação com a própria mãe ou mesmo ter tais sonhos.

Quando era pra dormir trepava no macuru pequeninho sempre se esquecendo de mijar. Como a rede da mãe estava por debaixo do berço, o herói mijava quente na velha, espantando os mosquitos bem. Então adormecia sonhando palavras-feias, imoralidades estrambólicas e dava patadas no ar. (ANDRADE, 2016, p. 7).

Enquanto Macunaíma estava na busca incessante pela muiraquitã, cai numa armadilha feita pelo gigante Piaimã; porém, ao notar a cilada, faz com que ela se volte contra o gigante, o qual, assim, cai num tacho de macarronada que sua mulher estava preparando. Imagina-se que alguém que caia num tacho fervente grite, agonizado pelas queimaduras; contudo, Piaimã se levanta do fundo do tacho, lambe o bigode e tece uma crítica à macarronada, exclamando: “Falta queijo!”. Essa ação contrária à expectativa gera o humor nesse episódio.

Porém jacaré fastou? nem tacho! O gigante caiu na macarronada fervendo e subiu no ar um cheiro tão forte de couro cozido que matou todos os ticoticos da cidade e o herói teve uma sapituca. Piaimã se debateu muito e já estava morre-não-morre. Num esforço gigantesco inda se ergueu no fundo do tacho. Afastou os macarrões que corriam na cara dele, revirou os olhos pro alto, lambeu a bigodeira: – FALTA QUEIJO! exclamou... E faleceu. (ANDRADE, 2016, p.103).

## 2-Valorização do folclore

Misto de invenção e investigação linguística, criando o personagem que centraliza o livro, como *herói sem nenhum caráter*, com os irmãos, índio e negro, num bordado de mil e uma noites de lendas, fiadas na tapeçaria da linguagem, como Homero do maravilhoso, que se funde num Rabelais dos trópicos, agregando poesia, folclore e ficção. (NEJAR, 2011, p. 328).

Além da tentativa de desconstrução dos ícones clássicos, os modernistas buscavam também apresentar a nossa cultura, o folclore. Nesse sentido, o autor faz um grande trabalho ao introduzir várias referências à cultura popular. Ressalta-se a presença do Currupira, personagem muito conhecido, e de seu cachorro Papamel, os quais se encontram com Macunaíma logo após o protagonista sair de sua tribo. Ele tenta se alimentar do herói e, para isso, oferece-lhe a perna para saciar sua fome. Ressalta-se no fragmento abaixo o respeito que herói tem com a lendária figura, chamando-o de “Meu avô”.

Vagamundou de déu em déu semana, até que topou com o Currupira moqueando carne, acompanhado do cachorro dele Papamel. E o Currupira vive no grelo do tucunzeiro e pede fumo pra gente. Macunaíma falou: – Meu avô, dá caça pra mim comer? – Sim, Currupira fez. Cortou carne da perna moqueou e deu pro menino, perguntando: – O que você está fazendo na capoeira, rapaiz! – Passeando. – Não diga! – Pois é, passeando... (ANDRADE, 2016, p. 13).

Não é menos cômica na passagem a naturalidade com que as duas personagens se tratam, estabelecendo uma relação de quase familiaridade – para o que, sem dúvida, a descontração da linguagem tem decisiva importância.

### 3-Enumeração e pontuação subversiva

De acordo com Cunha, inspirados nas vanguardas europeias, os modernistas se utilizaram de uma linguagem inovadora com tendências anárquicas e com marcações rústicas, populares (2003, p. 423), o que tende a aproximar o texto escrito da modalidade oral, priorizando o coloquialismo.

Dentro da estética iconoclasta, nota-se uma tendência ao uso excessivo da enumeração e a subverter a pontuação, o que, além de desconstruir o padrão culto, aproxima o texto escrito do discurso falado.

Quando Macunaíma chega à cidade, percebe que a moeda tradicional não era mais o cacau, mas sim uma moeda diferente à qual se dão diversos nomes (enumerados sem uso de vírgulas e sem seguir nenhum padrão lógico):

Porém entrando nas terras do igarapé Tietê adonde o burbom vogava e a moeda tradicional não era mais cacau, em vez, chamava arame contos contecosmilréis borós tostão duzentorréisquinhentorréis, cinquenta paus, noventa bagarotes, e pelegas cobres xenxéns caraminguás selos bicos-de-coruja massuni bolada calcáreogimbrasiridó bicha e pataracos, assim, adonde até liga pra meia ninguém comprava nem por vinte mil cacaos. Macunaíma ficou muito contrariado. Ter de trabucar, ele, herói!... (ANDRADE, 2016, pp. 28-29).

A enumeração caótica corrobora o próprio movimento da narrativa e os acontecimentos igualmente insólitos da trama, como as transformações que ocorrem com as personagens, o súbito aparecimento de criaturas e o entrelaçamento de lendas que contribuem para a costura da rapsódia.

Ao notar o sofrimento pelo qual sua mãe e os irmãos passaram, o herói pede a ela para ficar com os olhos fechados e traz diversas coisas que havia do outro lado do rio. Todas essas coisas são enumeradas, e esse procedimento discursivo não recebe a pontuação exigida pelo padrão culto do “português escrito”, mas sim seguindo o “brasileiro falado”. Observa-se, porém, que não é sempre que se apresenta tal subversão: na sentença seguinte, a mãe do herói abre os olhos e é descrito o que tanto ela vê (e nisso há a presença de vírgulas):

A velha fez. Macunaíma pediu para ela ficar mais tempo com os olhos fechados e carregou tejuar marombas flechas picuás sapicuás corotes urupemas redes, todos esses trens pra um aberto do mato lá no teso do outro lado do rio. Quando a velha abriu os olhos estava tudo lá e tinha caça peixes, bananeiras dando, tinha comida por demais. Então foi cortar banana. (ANDRADE, 2016, p. 12).

Observe-se que é típico dos iconoclastas a mistura entre o alto e o baixo, o sublime e o grotesco, bem como o padrão culto e a expressão caricatural da língua falada. Essas aproximações, pelo contraste, acabam por ressaltar aquilo que estilisticamente se quer negar e o que os modernistas propõem como rebelde modificação.

#### **4-Dimensão mítica – cultura e credices populares**

A cultura popular tende a atribuir à lenda a criação das coisas. Macunaíma estava construindo uma casa com seus irmãos, porém eles não estavam trabalhando. Então o herói pregou uma peça jogando neles um “bichinho” e uma “tatorana”. Como retribuição, jogaram em Macunaíma um tijolo que logo se transformou numa bola. Cada um deles jogou em uma direção, e assim criaram “três pragas” do Brasil, sendo duas delas das plantações de café e soja, e a outra, o futebol. A crítica ao futebol (praga nacional), deve-se ao fato de o esporte ter uma propagação extremamente rápida pelo país, estar presente em todos os lugares e se tornar a principal imagem do Brasil.

O bichinho caiu em Campinas. A tatorana caiu por aí. A bola caiu no campo. E foi assim que Maanape inventou o bicho-do-café, Jiguê a lagarta-rosada e Macunaíma o futebol, três pragas. (ANDRADE, 2016, p. 37).

Note-se que a explicação sobre a origem das coisas está destituída de grandeza, assim como as personagens que realizam tais “feitos”.

#### **5-A visão do primitivo sobre a cultura e o progresso**

Macunaíma vem de uma tribo de índios do norte do país e passa a ter contato com a tecnologia quando vai a São Paulo. Conversando com uma mulher, explica que a “máquina automóvel” nem sempre foi uma máquina e descreve o processo ocorrido com Palauá. Essa visão que ele tem do automóvel se faz devido às associações com o que é de seu

conhecimento, e como o herói sempre tem que estar certo, cria origem “interessante” do automóvel.

– No tempo de dantes, moços, o automóvel não era uma máquina que nem hoje não, era a onça parda. Se chamava Palauá e parava no grande mato Fulano. (...) (ANDRADE, 2016, p. 98).

(...) A tigre preta que era muito feroz até passou por ali, onça nem pio. E a outra passou não presenciando a comadre. Então de medo a onça nunca mais que largou de tudo o que tinha ajudado ela a fugir. Anda sempre com roda nos pés, motor na barriga, purgante de óleo na garganta, água nas fuças, gasolina no osso-de-Pai-João, os dois vagalhões na boca e o capote de folha de banana-figo cobrindo, ai ai! prontinha pra chispar. Principalmente si pisa nalguma correição da formiga chamada táxi e alguma trepando no pelame luzido morde a orelha dela, qual! chispa que nem Deus!... E inda tomou nome estranho pra disfarçar mais. É a máquina automóvel. (ANDRADE, 2016, pp. 100-101).

É certamente cômica a maneira como se dá o contato de Macunaíma com a cidade de São Paulo e o progresso. Na verdade, o que caracteriza essa relação é uma inversão paródica dos relatos da época do descobrimento: agora não é mais o homem civilizado que se depara com a vida primitiva, mas o índio tomado pelo estranhamento em relação a um mundo tão diferente das suas referências.

#### **6-A questão da linguagem: crítica ao beletrismo**

E ali se destaca, num português clássico, *a famosa carta aos icamiabas*, mandada pelo Imperador Macunaíma aos súditos da Amazônia, de “histriônico abuso da retórica epistolar”, na qual ironiza os parnasianos ou o estilo engomado (NEJAR, 2011, pp. 328-329).

O beletrismo, tendência de elitização da linguagem, é duramente criticado por Macunaíma, que se espanta pela diferença existente entre a língua escrita e a falada. Ao dizer que há duas línguas no Brasil, o “português escrito” e o “brasileiro falado”, aponta o problema da elitização da língua portuguesa. Trata-se da grande diferença do modo como se escreve e do modo como se fala, algo que, segundo ele, não deveria existir: “Macunaíma aproveitava a espera se aperfeiçoando nas duas línguas da terra, o brasileiro falado e o português escrito. Já sabia nome de tudo” (ANDRADE, 2016, p. 65).

Deve-se ressaltar que a questão da linguagem foi uma das mais debatidas pelos modernistas da geração heroica. Muito provavelmente fomentada pelo elitismo que dominou a retórica parnasiana, desde o Pré-Modernismo o problema já é abordado, sobretudo por Policarpo Quaresma, memorável protagonista do romance homônimo de Lima Barreto.

## 7-Nacionalismo crítico

O nacionalismo presente não é construído de maneira idealizada, mas mostra a realidade de um país tão sofrido por causa de sua falha administração. Macunaíma, ao constatar a situação do país, exclama: "Muita saúva e pouca saúde, os males do Brasil são."

A saúva é um tipo de formiga que destrói plantações, e o herói faz uma analogia, comparando-a com a situação brasileira. Ao afirmar a grande presença de saúva, sugere que dentro do Brasil há muitos que se aproveitam de suas posições usurpando o que é público e deixando a população desassistida, com dificuldades, ou seja, com pouca saúde. Assim como as formigas fazem nas plantações.

E uma luz vasta brilhou no cérebro dele. Se ergueu na jangada e com os braços oscilando por cima da pátria decretou solene: – POUCA SAÚDE E MUITA SAÚVA, OS MALES DO BRASIL SÃO! (ANDRADE, 2016, p. 53).

Sabe-se que o viés cômico dos iconoclastas jamais sacrificou o caráter crítico das obras da geração heroica; pelo contrário, a sátira, a paródia e a ironia foram decisivas não somente como opções estilísticas, mas também como forma de questionar as estruturas literárias, sociais e morais do país.

## 8-A (des)idealização da imagem elevada da mulher

As tendências tradicionais, em especial o Romantismo, pregavam uma visão idealizada da mulher, uma imagem elevada. Na obra em questão, há a desconstrução dessa imagem na primeira aparição de Iriqui, a nova companheira de Jiguê. Ela é descrita como uma moça que “sempre trazia um ratão vivo escondido na maçaroca dos cabelos”, os quais aromava com essência de umiri, que se enfeitava muito, pintava-se com algumas plantas, ficando inclusive com os lábios roxos de açaí, e vestia-se com manto preto e verde. Essa imagem é contrária ao proposto pelas escolas clássicas, sendo mais uma característica da estética da geração de 22. A ironia também se apresenta ao dizer que Iriqui “era linda”. Essa atitude de desmistificação sugere a superação dos modelos cristalizados pela estética romântica, tanto na poesia quanto na prosa de ficção.

Jiguê era muito bobo e no outro dia apareceu puxando pela mão uma cunhã. Era a companheira nova dele e chamava Iriqui. Ela trazia sempre um ratão vivo escondido na maçaroca dos cabelos e faceirava muito. Pintava a cara com araraúba e jenipapo e todas as manhãs passava coquinho de açaí nos beijos que ficavam totalmente roxos. Depois esfregava limão-de-caiena por cima e os beijos viravam totalmente encarnados. Então Iriqui se envolvia num manto de algodão listrado com preto de acariúba e verde de tatajuba e aromava os cabelos com essência de umiri, era linda. (ANDRADE, 2016, p. 11).

## 9-O anti-herói

Há na literatura, na função do protagonista, duas classificações recorrentes: o herói e o anti-herói. O herói é formado a partir de grande parte de características positivas, é “aquele que ultrapassa as medidas humanas normais” (CUNHA, 2003, p. 320), tendendo à idealização, tanto no que se refere à beleza física quanto ao caráter. Já o anti-herói “é desprovido de caráter virtuoso e tampouco se envolve em causas nobres, desligado que está de virtudes” (ROSSETTI, 2007, p. 282).

A estilização de Macunaíma “brinca” com a idealização esperada quanto à beleza e outros atributos do herói. Enquanto fugia do Currupira, o protagonista encontra uma cotia e, ao contar para ela o ocorrido, esta joga nele uma “gamela cheia de caldo envenenado de aipim”; o protagonista tenta escapar, mas só consegue livrar a cabeça, o que faz com que seu corpo crescesse como de homem taludo e ficasse com a cabeça de criança. Essa disparidade é contrária ao esperado de um herói, assim como várias características de seu caráter que são mostradas no decorrer da obra.

Então pegou na gamela cheia de caldo envenenado de aipim e jogou a lavagem no piá. Macunaíma fastou sarapantado mas só conseguiu livrar a cabeça, todo o resto do corpo se molhou. O herói deu um espirro e botou corpo. Foi desempenando crescendo fortificando e ficou do tamanho dum homem taludo. Porém a cabeça não molhada ficou pra sempre rombuda e com carinha enjoativa de piá. (ANDRADE, 2016. pp. 14-15).

É evidente sua condição de anti-herói já na apresentação:

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói da nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma. Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:



– Ai! que preguiça!...

e não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jiguê na força do homem. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva.

Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém. E também espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo do banho dando mergulho, e as mulheres soltavam gritos gozados por causa dos guaiamuns diz-que habitando a água-doce por lá. No mocambo si alguma cunhatã se aproximava dele pra fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatã se afastava. Nos machos guspia na cara. Porém respeitava os velhos e frequentava com aplicação a murua a poracê o torê o bacororô a cucuicogue, todas essas danças religiosas da tribo. (ANDRADE, 2016, p. 7).

Como se pode notar, o protagonista é estilizado de maneira pouco convencional: feio, medroso, preguiçoso, mas não sem disposição para os prazeres sexuais. Também se nota a disposição para o jeitinho, a maneira de encurtar caminhos em nome de um benefício ou privilégio: “Macunaíma dandava pra ganhar vintém”.

### Considerações finais

A narrativa de Mário de Andrade é riquíssima em diversos aspectos. O presente trabalho pretendeu enfatizar a dimensão iconoclasta, que faz dessa “rapsódia” a obra-prima do autor e da primeira fase do Modernismo brasileiro. A desidealização do herói, demonstrando seu lado humano e “mau”, e da mulher, estilizada sem traços de perfeição, fazem com que o leitor tenha um impacto ao se deparar com determinadas descrições e ações. Assim como ocorre diante da grande presença do vocabulário popular e da gramática subversiva, que na escrita não eram “bem vistos”, especialmente naquele momento. As críticas ao nacionalismo e ao beletismo são bem incisivas e tornam-se trechos icônicos da obra, possuindo um caráter atemporal, pois, mesmo na atualidade, parecem conservar o sentido e a validade. As manifestações populares, as crendices e o folclore também se fazem presentes, valorizando a história cultural do país.

Por meio da análise dessas características, pôde-se compreender e confirmar a posição da obra de Mário de Andrade como principal representante da 1ª geração do Modernismo brasileiro. Os elementos analisados deixam às claras as intenções do autor no sentido de romper com determinados “modismos” e abre, por meio da literatura, a possibilidade de novos caminhos para representar a realidade e repensar a nossa própria condição.

## Referências

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. Barueri: Ciranda Cultural, 2016.

CUNHA, Newton. **Dicionário Sesc: a linguagem da cultura**. São Paulo: Perspectiva: Sesc São Paulo, 2003.

FERNÁNDEZ, Nèstor Luján. O humorismo. In: CUNHA, Newton. **Dicionário Sesc: a linguagem da cultura**. São Paulo: Perspectiva: Sesc São Paulo, 2003.

NEJAR, Carlos. **História da Literatura Brasileira: da Carta de Caminha aos contemporâneos**. São Paulo: Leya, 2011.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. **Arte literária: Portugal-Brasil**. São Paulo: Moderna, 1999.

ROSSETTI, Emerson Calil. **Riso e Teatralidade: uma Poética do Teatro de Martins Pena**. Tese de Doutorado em Estudos Literários – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP. Araraquara-SP, 2007.